

A COVID-19 E OS IMPACTOS ENTRE OS PRODUTORES DE TILÁPIA EM MASSARANDUBA, SANTA CATARINA

*Albio Fabian Melchiorretto**

*Juarês José Aumond***

Resumo: O ano de 2020 foi marcado por um longo processo de transformações de ordem social e comportamental. Acostumados com certo tipo de normalidade, a humanidade foi impelida a estabelecer outros rumos. A principal causa de todas as mudanças foi a pandemia movida pelo vírus SARS-CoV-2. Junto das mudanças, com pensar, acrescenta-se o assustador cenário de contaminados, doentes e mortos. Diante deste contexto, partindo da perspectiva do Desenvolvimento Regional, o presente artigo objetiva dimensionar os impactos sociais do COVID-19 na produção de tilápia no município de Massaranduba, a partir da voz dos produtores. Massaranduba tem uma das maiores produções de tilápia do Estado de Santa Catarina. Para esta pesquisa utilizou-se de dados divulgados pelo Portal Transparência COVID-19 Santa Catarina, para dimensionar a pandemia, e de entrevistas semiestruturadas com produtores e dados do InfoAgro da Epagri/SC. Como método de análise utilizou-se da cartografia social a partir de Deleuze e Guattari. A pesquisa aconteceu durante o movimento da pandemia com a geração de dados entre setembro e dezembro de 2020. Provavelmente, em cada leitura, teremos um cenário diferente, entretanto, a análise das condições sociais durante o acontecer é importante para compreender o território e servir de base para planejamento de ações futuras.

Palavras-chave: Desenvolvimento regional; COVID-19; Massaranduba; tilápia; cartografia social.

COVID-19 AND THE IMPACTS AMONG TILAPIA PRODUCERS IN MASSARANDUBA, SANTA CATARINA

Abstract: The year 2020 was marked by a long process of social and behavioral changes. Accustomed to a certain kind of normality, humanity was compelled to establish other directions. The primary cause of all the changes was the pandemic driven by the SARS-CoV-2 virus. Along with the changes, with thinking, the frightening scenario of contaminated, sick and dead is added. Given this context, from the perspective of Regional Development, this article aims to measure the social impacts of COVID-19 on tilapia production in the municipality of Massaranduba, based on the voice of producers. Massaranduba has one of the largest tilapia productions in the State of Santa Catarina. For this research we used data released by Portal Transparência COVID-19 Santa Catarina, to measure the pandemic, and semi-structured interviews with producers and data from InfoAgro from Epagri / SC. As a method of analysis, social cartography was used from Deleuze and Guattari. The research took place during the pandemic movement with data generation between September and December 2020. Probably, in each reading, we will have a different scenario, however, the analysis of social conditions during the

* Doutorando em Desenvolvimento, pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade Regional de Blumenau, (FURB). Email: albio.melchiorretto@gmail.com.

** Doutorado em Engenharia Civil pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil (2008) e Professor titular da Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB).

event is important to understand the territory and serve as a basis for planning future actions.

Keywords: Regional development; COVID-19; Massaranduba; tilapia; social cartography.

INTRODUÇÃO

Durante as primeiras semanas de 2020, ao acompanhar os noticiários e, ao andar tranquilamente por várias cidades, me perguntava, ingenuamente, se as notícias que tínhamos de Wuhan, China, eram tão trágicas de fato. A partir de então, os primeiros casos na Ásia, a declaração de epidemia mundial e depois parte da Europa trancou seus moradores nas casas. Mas ainda assim era China, Europa, só depois vieram os Estados Unidos. Tudo tão distante. E aí, pulamos o carnaval, enquanto Europa usava máscaras. Após o carnaval tivemos as primeiras notícias que o vírus circulava pelo Brasil. Se antes eram os outros, agora é a vez do povo brasileiro. Em cidades menores, que sequer têm carnaval, como Massaranduba, uma pequena cidade catarinense, as notícias continuavam na distância. Era Manaus, São Paulo, Rio de Janeiro, tudo tão longe. Mas, um certo dia a doença também chegou em pequenas cidades e fez morada.

A pandemia desvelou situações paradoxais. Julgava-se que a sociedade hodierna representaria o triunfo do capital, como Pereira, Pereira e Calgaro (2020) afirmam, mas logo nas primeiras semanas o que parecia ser tão certo colapsou. Os autores salientam que o vírus apresentou uma sociedade precarizada. É uma afirmação forte, mas ao observar o Brasil foi possível perceber uma economia frágil, com massa crescente de desempregados, dificuldades da manutenção dos sistemas de saúde, crise educacional da volta e não-volta das aulas e os devaneios dos executivos, nas diferentes esferas, seja federal, estadual ou municipal. Dificuldades que Mattei (2020b) chamou atenção ao descrever a realidade de Santa Catarina. O que antes havia se tomado certo, agora demonstra-se uma grande fragilidade que atingiu a todos de diferentes maneiras.

A cronologia da pandemia mostrou que o vírus do Sars-CoV-2 (*Severe acute respiratory syndrome coronavirus 2*) foi registrado no mês de dezembro de 2019 na província de Wuhan, China. Dois meses depois da realização dos Jogos Mundiais Militares naquela província. No dia 30 de janeiro, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou a doença respiratória COVID-19, causada pelo Sars-CoV-2, como pandemia mundial. No Brasil, em 26 de fevereiro de 2020, registrou-se o primeiro caso, na cidade de São Paulo, e duas semanas mais tarde, em 13 de março, foi o primeiro caso

confirmado em Santa Catarina. Na cidade de Massaranduba, o primeiro caso, e com óbito, foi registrado em 07 de abril. O mundo globalizado viu o vírus espalhar-se, primeiramente por aeroportos, depois grandes cidades e aos poucos tomando conta de todos os espaços, como Mattei (2020a) destaca ao apontar a interiorização do vírus. Em 31 de dezembro de 2020, quando a pesquisa concluiu a geração de dados, havia mais de 80 milhões de contaminados no mundo pela COVID-19, segundo as estatísticas do Alerta COVID-19, do Google.

O grande desafio para pensar a COVID-19 através de números, é que não se trata apenas de dados, mas são pessoas que contarão a passagem humana pela Terra e são vítimas que padeceram. O pensador Boaventura de Souza Santos (2020), chamou o vírus de um grande e terrível pedagogo. O vírus nos apresentou, e continua a apresentar várias lições. A primeira, é que a Mãe Terra já não suporta mais o modelo desenvolvimentista assumido, pois é uma prática exploratória. Um mundo pós-pandemia deveria passar pela revisão dos paradigmas desenvolvimentistas. A segunda lição é a necessidade de um estado com olhar voltado para o social, que possa atender todas as camadas da sociedade e planejar uma estrutura mais solidária e menos desigual. Dado este contexto, desafia-se pensar os impactos sociais e os efeitos da COVID-19 num território específico e numa atividade econômica delimitada.

O texto objetiva investigar quais são os impactos sociais da COVID-19 na produção de tilápia no município de Massaranduba, Santa Catarina, a partir da voz dos produtores. A pesquisa está relacionada com a tese de doutoramento que estuda os processos de reterritorialização do rural frente à expansão do espaço urbano. As duas pesquisas dialogam na medida em que tratam de temas a partir de um mesmo locus, que é o município de Massaranduba, de uma mesma abordagem metodológica e compartilha dos mesmos pressupostos teóricos quando discute o desenvolvimento. A delimitação para os produtores de tilápia nasceu a partir de relatos dos moradores locais insatisfeitos com as medidas de prevenção adotadas nos primeiros meses de pandemia. A produção da tilápia coloca Massaranduba como a segunda maior produtora do Estado de Santa Catarina, como será visto nos números ao longo do texto.

Para além da seção da introdução, o artigo será dividido em outros quatro capítulos: a metodologia, o território da pesquisa, os impactos sociais, a análise dos dados e as considerações. O território da pesquisa apresentará a geolocalização do espaço pesquisado, o conceito de desenvolvimento que servirá de base para pensar os impactos sociais e o caminho teórico que sustenta a ideia da cartografia social. Na sequência, a

análise dos dados dimensionará os impactos sociais, através das vozes e por fim, a cartografia acontecerá através da correlação entre os dados. E por fim, a última reflexão do texto por meio das considerações finais, conferindo quais foram os efeitos e o impacto social da pandemia com outras aberturas possíveis.

1. METODOLOGIA

Para geração de dados, as vozes dos produtores de tilápia foram registradas por meio de pesquisa semiestruturada, gravada em áudio. A escolha acontece diante das orientações sanitárias vigentes que recomendam, entre outras ações o distanciamento social. As entrevistas foram mediadas por aplicativos de mensagem instantânea. Os dados referentes a produção da tilápia foram gerados a partir do InfoAgro da Epagri¹ e de informações disponibilizadas pela Associação dos Piscicultores de Massaranduba (APISMA). Para pensar e contextualizar os números da COVID-19 recorreu-se ao Portal Transparência COVID-19 Santa Catarina².

Para realizar correlações entre dados o caminho metodológico escolhido foi a cartografia social, a partir da filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011). A cartografia é uma das características aproximativas do rizoma. Ela carrega em si noções de multiplicidade e territorialidade que são construídas no conceito de duração. Os autores entendem que as mudanças são um jogo que não se interrompe e ao mesmo tempo é heterogênea. Se propõe ao cartógrafo uma relação construída com o próprio objeto de maneira processual. O cartógrafo e o objeto formam um rizoma que atua em dois sentidos, de processamento e de processualidade. A processualidade na pesquisa, se faz presente pelos avanços e pelas paradas, na temporalidade que reconhece o processamento do tempo e do envolvimento entre os diferentes entes. “Escrevemos o anti-Édipo a dois. Como cada um de nós era vários, já era muita gente (...) não somos mais nós mesmos. Cada um de nós reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 11).

A cartografia, enquanto método, não visa isolar o objeto de suas articulações. Em Deleuze e Guattari (2011) os contextos são múltiplos e o objeto(s) e o sujeito (s) se conectam o tempo inteiro. O cartógrafo, neste contexto, é semelhante a um estrangeiro quando visita pela primeira vez um espaço que não é seu. Ele por primeiro olha de fora,

¹ O portal InfoAgro é um sistema integrado de informações agropecuárias da Secretaria de Estado da Agricultura e da Pesca de Santa Catarina e está disponível no endereço, <https://www.infoagro.sc.gov.br>.

² Portal do governo do Estado de Santa Catarina disponível no endereço, <http://transparenciacovid19.sc.gov.br>.

explora os sentidos, se habitua com aquilo. Num segundo momento, habituado, aproxima-se e passa a fazer parte daquele mundo, de alguma forma. O cartógrafo está junto com o objeto e com os sujeitos afetando-se. Então, a geração de dados numa pesquisa cartográfica, não é apenas um conjunto de perguntas e respostas mediada por alguma tecnologia, mas é, também conversa. Há o tema central, que aqui foi dimensionar os impactos sociais do COVID-19 na produção de tilápia no município de Massaranduba, mas também houve a conversa, os dizeres, o desabafo sobre todo o contexto que a produção de tilápia e que os agricultores estão envolvidos. A cartografia é o registro do objeto, mas também é uma relação de afetos com os sujeitos e com as outras aberturas que acontecem.

Para chegar à cartografia social a geração de dados organizou-se através de entrevistas semiestruturadas com cinco produtores comerciais de tilápias. Por conta dos riscos próprios da COVID-19 e da necessidade de isolamento social, as entrevistas foram medidas por aplicativo de mensagens instantâneas. Foram entrevistados cinco produtores comerciais de tilápia de Massaranduba. Deles, quatro estão ligados à APISMA, e um produtor comercial que não faz parte da associação. As entrevistas e conversas aconteceram entre os meses de setembro e dezembro de 2020. Esta informação nos faz lembrar a fragilidade de análises que acontecem durante o curso do movimento, ao mesmo tempo apontam caminhos e direções, caminhos díspares, mas de interesse do cartógrafo.

A pesquisa tem como motivação o escopo teórico do desenvolvimento regional. Não há a intenção fazer teoria do desenvolvimento regional, mas se vê como oportuno apresentar os conceitos pelo qual se entende o desenvolvimento regional. Com ele, que se tece uma leitura da realidade e se mensura os impactos sociais. O desenvolvimento regional, segundo Mattedi (2015), é uma abordagem multidisciplinar que permite dois olhares, um mais frágil e outro mais forte. A fragilidade está no fato que não há um consenso disciplinar sobre uma estratégia teórica e metodológica do desenvolvimento regional. Ao mesmo tempo, a fragilidade pode ser convertida em fortaleza, porque ele se impõe como um objeto de preocupação científica que combina uma variedade de interesses. Eles podem ser da ordem política ou cognitiva. Isto situa o que se propõe, porém, não conceitua.

O desenvolvimento retrata um processo de mudança. Por exemplo, a mudança é o movimento de partida de um ponto chamado “A” para a chegada em um ponto chamado “B”. As “coisas” (aqui entendido coisas, de maneira geral) mudam no tempo, e são

envoltas por um ritmo próprio. Os processos de mudança têm ritmos diferentes, alguns mais rápidos, outros, mais lentos, como lembra Mattedi (2015). O desenvolvimento pode ser muito acelerado ou muito lento por conta de suas variáveis, que são da ordem econômica; social; política; ambiental; cultural, entre outras. O problema do desenvolvimento é a calibragem dos níveis. Um desenvolvimento econômico mais rápido pode gerar, como problema, a desigualdade social. O regional, em certa medida, delimita uma escala espacial da mudança. Pensando no espaço, ele pode ser amplo ou restrito. A região é uma forma de pensar o espaço. Depende da escala espacial que é adotada. A noção de região opera de forma binária. Uma relação entre o que tem dentro e fora, a sempre uma fronteira que marca o dentro e o fora. O produto da calibragem entre o tempo e o estado é o território.

Para Mattedi (2015), o desenvolvimento regional pode ser feito de várias formas, e a forma escolhida neste texto é um encontro com a cartografia social. Ela é um método que tem seu ponto de partida na filosofia de Deleuze e Guattari (2011). A cartografia encontra-se ligada à geografia e ao desenvolvimento de técnicas e instrumentos sofisticados. Já o que se propõe, está ligado ao campo das ciências humanas e se coloca como estratégia de análise crítica ao descrever as relações, trajetórias e outras formações rizomáticas num território em transformação. Enquanto a cartografia, enquanto proposição geográfica, produz mapas, no sentido tradicional do termo, a cartografia social ocupa-se com os movimentos de transformação, manifestações de poder e as relações de saber-poder. Analisa as linhas de forças e enfrentamentos e que se inter cruzam, que se reterritorializam nos espaços físicos ou não. “O mapa é aberto e conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente [ou não]” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 22). A cartografia social amplia a binaridade do território.

A pesquisa se aproxima com a tese de doutorado, que está em andamento, por investigar o mesmo território. Para além dele, os atores que contribuem para uma construção cartográfica são os mesmos. Metodologicamente ambas as pesquisas têm em comum a cartografia social. Embora o objetivo de pesquisa da tese tenha suas particularidades, que é um estudo acerca da reterritorialização do rural, quando se pensa os efeitos deste movimento, entende-se a forma como os produtores de tilápia e de outros cultivos são afetados. Este texto não é um fragmento da pesquisa maior, mas um diálogo com o mesmo espaço e os mesmos atores. Então, ambas as pesquisas dialogam na medida

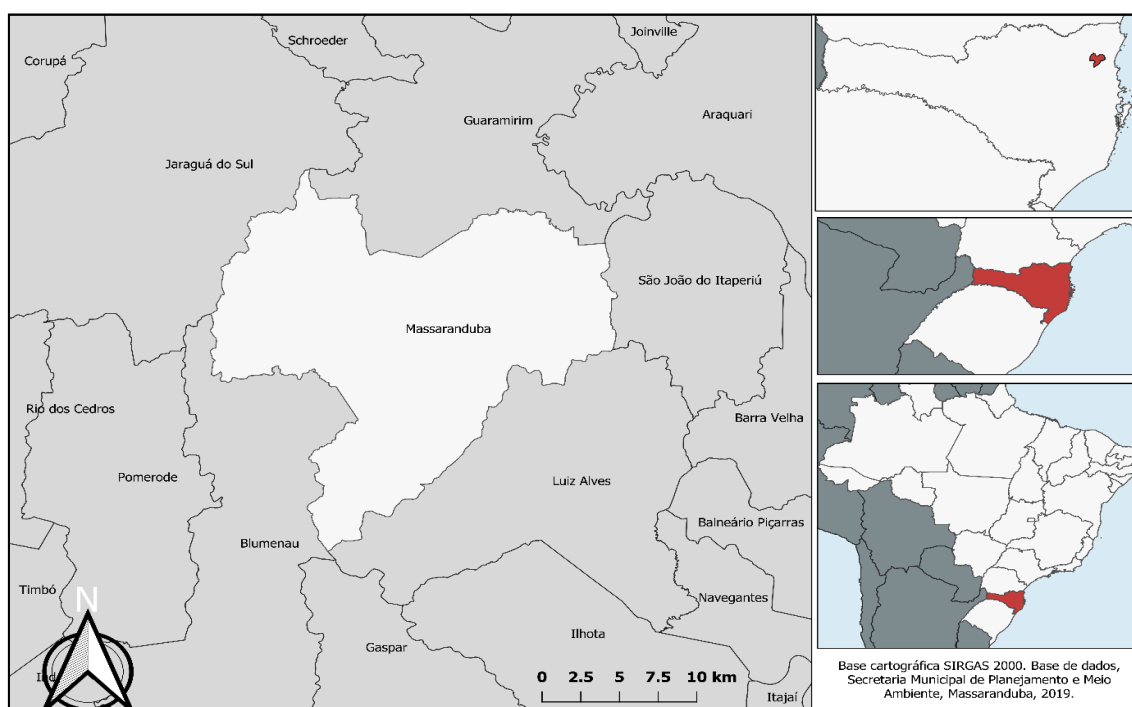
que dimensionam o quadro de mudanças sofridos por elementos que são externos ao espaço rural.

Então, com o objetivo de dimensionar os impactos sociais do COVID-19 na produção de tilápia no município de Massaranduba, utiliza-se da estratégia da cartografia social para perceber as forças que atravessam a produção, de acordo com aquilo que é desvelado na voz dos produtores. Não são apenas os números e fatos, mas os movimentos que ali estão. Há uma região delimitada para a pesquisa e uma perspectiva de desenvolvimento que sustentam a pesquisa. O dimensionamento dos impactos sociais dar-se-á na calibragem das diversas forças, ou categorias, que ali se situam – o aspecto regional.

3. O TERRITÓRIO DA PESQUISA E DIREÇÕES CONCEITUAIS

Esta seção se ocupará em apresentar o local onde os dados foram gerados, bem como, os conceitos norteadores da reflexão e as chaves do que se entende por cartografia social. O município de Massaranduba conta com população estimada em 17 mil habitantes, localizado na região norte de Santa Catarina, na microrregião do Vale do Itapocu. Segundo os dados do IBGE Cidade (2021), possui uma área territorial de 374 Km², com densidade demográfica de 39,23 hab./km². Massaranduba está centrada num corredor economicamente relevante do estado, entre os municípios de Joinville, Blumenau, Jaraguá do Sul e Itajaí. O IBGE aponta que a maior parte do PIB da cidade, provém do setor industrial, 44% e apenas 18% é referente à agricultura. Estas informações nos dão um panorama quantitativo do espaço.

Historicamente Massaranduba foi ocupada por migrantes europeus vindos na segunda metade do século XIX, em dois movimentos migratórios. Adami e Rosa (2004) descrevem que o primeiro movimento centrou os alemães, poloneses, eslavos, suecos e britânicos próximos à estrada que ligava a Baía da Babitonga até Blumenau. Já Oliveira (1997) aponta que o segundo movimento foi marcado pelos italianos que ocuparam a região montanhosa, ao sul do primeiro movimento, margeando e ocupando áreas próximas ao Rio Luiz Alves. O município de Massaranduba foi conhecido, a partir dos anos de 1970, como um dos maiores produtores de arroz irrigado de Santa Catarina. A partir das transformações agrícolas dadas nos anos de 1990, a rizicultura dividiu espaço com outras produções, fazendo surgir o produtor agrícola em tempo parcial (ANJOS, 1996). Além da rizicultura destaca-se a produção de banana, e a partir deste século, a produção de peixes, tendo como carro chefe o cultivo da tilápia.

Mapa 1 – Localização de Massaranduba

Fonte: mapa elaborado pelos autores (2020).

Para chegar no contexto do COVID-19 em Massaranduba, recupera-se primeiro o contexto da doença em Santa Catarina. O primeiro caso foi registrado em 13 de março de 2020, e o primeiro óbito, no final do mês, em 26 de março. Nas semanas seguintes, entre abril e maio, os casos foram evoluindo e representando uma expansão, a partir do litoral para o interior, como Mattei já destacou (2020a). Nas duas últimas semanas daquele mês, o Estado de Santa Catarina viveu a implantação de medidas mais duras de isolamento e contenção do vírus. No último dia do mês de março existiam 235 casos confirmados. A partir do mês de abril, aos poucos, as medidas de flexibilização tomavam conta das pautas de discussão e os números de casos confirmados aumentaram consideravelmente. Observando agora, foram medidas paradoxais, diante do quadro que se desenvolveu em toda Santa Catarina.

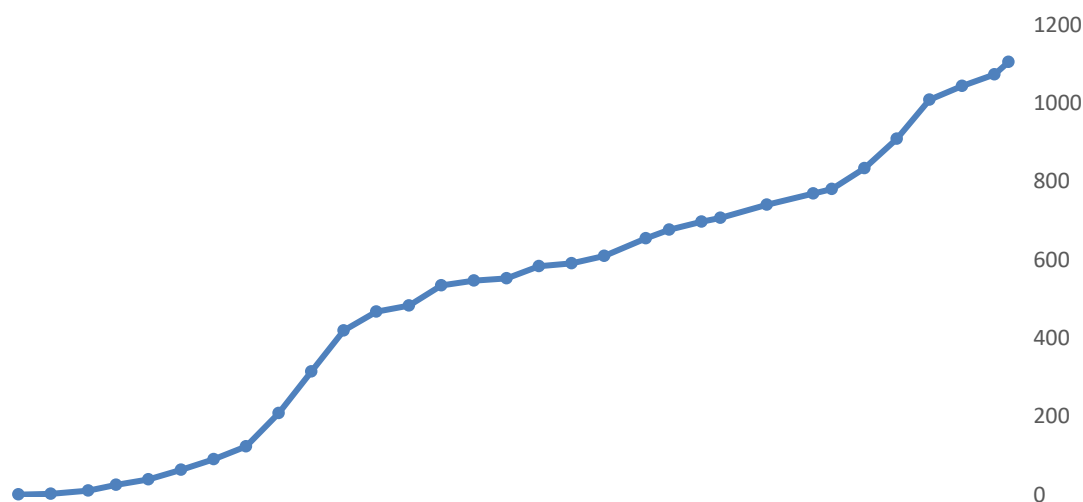
Os primeiros casos, geograficamente no estado, foram registrados na capital, na sequência nas cidades litorâneas e aos poucos os casos avançaram rumo às cidades do Oeste do estado. As cidades polos do abate industrial de animais, foram os primeiros que registraram números assustadores de contaminados, como Mattei (2020a) e Mattedi *et al.* (2020) descreveram. Considera-se que a evolução dos casos aconteceu de maneiras diferentes em cada território. Esta é uma das dificuldades encontradas para mapear de maneira eficaz a propagação do vírus. O que explica o diferente grau de evolução do vírus

no estado quando comparado ao Brasil. A doença se manifestou de maneira diferente nas diversas regiões. Daí decorre a necessidade de pensar estratégias localizadas para conter a propagação do vírus.

A COVID-19, portanto, é uma expressão clara de como os processos de saúde ocorrem estreitamente ancorados na estrutura territorial preexistente. [...] Vê-se como a estrutura territorial regional (sistema de transportes aeroviários e rodoviários e a organização e hierarquia urbana) define direção e magnitude desse evento de saúde em particular (MARTINUCI *et al.*, 2020, p. 257).

A expansão do contágio na cidade de Massaranduba ocorreu de maneira diferente daquele apresentado no Estado de Santa Catarina quanto aos primeiros meses. A cidade teve o primeiro caso confirmado no dia 07 de abril e até o mês de junho não houve outro caso registrado. Os meses de junho a agosto apresentaram uma explosão de casos, superior àqueles registrados, proporcionalmente no estado, e novamente em dezembro houve uma escalada significativa. Durante o tempo da pesquisa foram registrados seis óbitos, que proporcionalmente é inferior aos óbitos do estado. Os dados abaixo mostram a evolução dos casos em Massaranduba, comparados com Santa Catarina. Em 31 de dezembro, a cidade fechou com 1.105 contaminados (6,45 por 100 mil habitantes) e Santa Catarina, com 492.583 (6,87 por 100 mil habitantes).

Apresenta-se agora a segunda etapa dos dados, que são referentes à produção de tilápia em Massaranduba. Segundo a apresentação de dados da InfoAgro, pensando apenas na produção de peixe de água doce, o município de Massaranduba ocupa uma posição de destaque no estado. O portal da Epagri disponibiliza dados da produção de peixe desde o ano de 2015. Entre os anos de 2015 e 2017, Massaranduba foi classificada como o maior produtor estadual. Nos anos seguintes, 2018 e 2019 ocupou o segundo lugar entre os produtores. Os dados de 2020, não foram divulgados até o final da pesquisa. Entre os cinco maiores estão os municípios de Armazém com 2057 toneladas; Massaranduba, 1823 toneladas; Rio Fortuna com 1649 toneladas; Petrolândia com 1491 toneladas e União do Oeste com 1422 toneladas, dados referentes a 2019. A tilápia é o peixe de água doce mais produzido no Brasil, e em Santa Catarina representa 76% da produção total de peixes de água doce, movimentando algo em torno de R\$ 245 milhões.

Figura 1 – Contaminados pela COVID-19 ao longo do ano de 2020 em Massaranduba

Fonte: Portal Transparência COVID-19 Santa Catarina (04 de janeiro de 2021); Elaboração dos autores.

Ao tomar a produção de Massaranduba, comparando os anos, houve em 2015, a produção de 1694 toneladas, houve um aumento de 5% da produção durante o período dos dados. Entretanto, em 2015, havia 403 produtores, onde 101 produtores comerciais e 302 artesanais, e no ano de 2019, o município contava com 109 produtores, sendo, 93 produtores comerciais e 16 artesanais. Houve uma redução em 27% do total de produtores, porém, a produção per capita saltou de 4,20 toneladas para 16,28 toneladas no período. A produção acumulada nos últimos cinco anos foi de 9085 toneladas, enquanto Rio Fortuna teve um acumulado de 7614 toneladas.

Para além dos números, a atividade da produção de tilápia em Massaranduba, segundo a presidência da APISMA ela tem o potencial de transformar a produção artesanal em comercial. O aumento da produtividade mostra que o cultivo de tilápia pode ser uma alternativa a produção agrícola de Massaranduba rompendo a lógica do trabalhador agrícola em tempo parcial, conforme Anjos (1996) chama atenção.

A produção de tilápia é anterior aos dados apresentados pela InfoAgro, porém, nem o portal da Epagri, nem o IBGE Cidades e sequer a associação e a prefeitura, possuem dados da produção. A APISMA relata que a produção artesanal acompanhou a história do município, mas somente no início dos anos de 2000 os produtores comerciais conquistaram espaço. Com o objetivo de representá-los enquanto uma instituição civil organizada, a APISMA foi criada em 2007. Ela contribui para a formação profissional dos produtores e representa e dá voz à categoria. Em dezembro de 2020 contava com 26 associados, entre os 109 produtores. Afirma que por conta das atividades desenvolvidas por ela, a produção per capita tem aumentado. Questionados sobre a redução de 27% nos

produtores, ela chama atenção que entre os produtores comerciais houve uma retração de 8% e entre os produtores artesanais foi de 95%. A queda, não afetou a produção, pois a APISMA representa um processo de aprimoramento da técnica de produção e da profissionalização dos entes envolvidos, aumentando a produção *per capita*.

4. OS IMPACTOS SOCIAIS E A CARTOGRAFIA DOS PRODUTORES DE TILÁPIA

Diante do contexto da COVID-19 e da produção da tilápia encontram-se as vozes dos produtores. Quanto ao impacto direto da pandemia sobre a produção, A1 relatou que, “Nas atividades do dia a dia, trabalho a campo, não houve nenhum impacto”, elemento que os demais entrevistados corroboraram. A mão-de-obra dos produtores é composta basicamente pelo grupo familiar. Então, as primeiras medidas restritivas num primeiro momento, e o alastramento dos contaminados num segundo momento não trouxe impactos significativos para as atividades do no espaço local. Os produtores relataram que o impacto aconteceu na comercialização e no gerenciamento de insumos para a safra iniciada durante a pandemia. “O principal impacto foi o aumento do custo de produção com a alta do dólar e falta de matéria prima (soja e milho principalmente)”, disse A1. “Por causa das medidas restritivas, quem tava com a safra quase pronta demorou mais para alojar a nova safra”, afirmou A2. De acordo com A3, com o aumento dos insumos, também “o pessoal, aqui, está produzindo menos”. Para A4, também, é importante considerar o mercado externo. “E se não bastasse o dólar também foi nas alturas e contribuiu para o aumento das rações porque parte do núcleo é produto importado” e aponta outro problema, “peixe subiu de preço, mas não o bastante para compensar os custos de produção”. Também, há de se considerar que, “que afetou mais o setor foi a demanda de grãos da China e escassez de matéria prima para a produção de ração que em consequência disso elevou o preço das rações acima de 50% “, disse A5.

A produção da tilápia é uma atividade comercial que tem como maior concentração de vendas, o período quaresmal (tempo que antecede a Páscoa). Foi no tempo quaresmal que iniciaram as medidas protetivas contra a COVID-19 em Santa Catarina. “No início da pandemia afetou um pouco a venda, mas não muito”, diz A1, ele acreditou que as vendas já estivessem encaminhadas. E continua, “com o retorno das atividades isso se normalizou diria até que houve um aumento na procura de peixes”. Corroborando com ele, “a produção *tava* quase pronta antes da Páscoa, encalhou depois”, disse A4. Além disso, percebeu-se que o mercado buscou o produto, pois para A2, “faltou

peixe esse ano”. Na soma dos fatores, “o impacto é negativo pois quem saiu perdendo foi a população que é obrigada a pagar um preço quase inacessível por um alimento indispensável para a saúde das pessoas”, disse A5.

Para além das questões de produção, um dos entrevistados demonstrou preocupação ambiental. “Nunca foi levado em consideração que é uma atividade que onde o ambiente de criação existe vida aonde a um conjunto de bactérias nitrificantes e microorganismos que estão em sintonia”. Após pausa, continuou, “peixes, água, oxigênio e quando bem administrado não leva efluentes ao meio ambiente. O mesmo órgão que capacita a produzir deveria criar medidas de precaução para não tornar uma atividade impactante”. Foi a preocupação descrita por A4.

A primeira reflexão, como dito, refere-se a COVID-19, e mais especificamente, os números no território da pesquisa. Para efeitos comparativos, Massaranduba teve a marca de 6,45% da população contaminada. Na mesma condição, Santa Catarina teve 6,79% de contaminados pelo vírus, considerando até a data de 31 de dezembro de 2020. O comparativo evidencia que a taxa de contaminação do município não é muito diferente daquela do estado. Esta informação ajuda a desmistificar algo que aparece nas entrelinhas das falas dos produtores de tilápia. O município vivenciou um hiato, de quase três meses, entre o primeiro e o segundo caso do COVID-19. Este espaçamento criou a falsa ideia de que a contaminação estivesse distante da realidade, e que as medidas restritivas e sanitárias não cabiam no espaço de Massaranduba. Talvez, e só talvez, com o aumento local, este discurso sofreu algum tipo de transformação. Por outro lado, as falas dos produtores não se referem ao impacto da doença na cotidianidade retratam a preocupação com a produção e com as vendas das tilápias, mas não no impacto pessoal.

Enquanto a cidade não sustentava o alastramento de contágios, viveu-se o tempo de isolamento mais intenso imposto pelos decretos estaduais. Muito provavelmente as ações contribuíram em muito para os números dos primeiros meses. Entretanto, esta situação se mostrou incômoda aos produtores que relataram preocupação com o escoamento da safra, com o atraso do alojamento da nova safra e como consequência, gerou um clima de incerteza entre os produtores. Nenhuma das falas mostrou problemas com o vírus em si. Será que a preocupação com outros assuntos distanciou o Brasil de um olhar mais sereno e responsável para com as questões de saúde? Ao mesmo tempo que se verifica que as ações estão todas interligadas, o olhar cotidiano ainda insiste em fragmentar alguns olhares, mesmo diante de números. Paradoxalmente, a “curva” de contágio da doença, a partir de agosto, como visto no Gráfico n. 1 foi mais acentuada em

Massaranduba que a de Santa Catarina. Será que não caberia um olhar localizado com as medidas restritivas mais intensas e um discurso de flexibilização mais moderado?

A segunda parte abordará os contextos internos e externos que geram algum tipo de impacto social de acordo com os produtos. A começar pelos fatores internos. Quanto à produção, em si, os produtores afirmaram que não houve um impacto, como mostrou A1 e A3. Este “não houve um impacto” dá a entender que o COVID-19 não chegou, ou que a produção da tilápia está deslocado do contexto externo. Talvez tenha faltado questionar o que foi o impacto da COVID-19, para entender o tipo de separação que foi realizada entre a produção de tilápias e outras possibilidades. Não são elementos díspares. Parece, em certo grau, que o assunto da pandemia causa certo desconforto para aceitar as limitações laborais impostas. O que justifica as críticas de Antunes (2020) para as formas que o trabalho assumiu a partir da instituição do regime de pandemia mundial, forçando uma falsa dicotomia entre ele, o trabalho e a vida.

Os fatores externos apontados pelas vozes dos produtores corroboram com a premissa de que a análise de contexto deveria ser multifacetada. Por exemplo, as falas de A2 e A5 deixam claro que o problema com o preço dos insumos por conta da alta do dólar e da alta de exportação da soja para o mercado asiático foi agravado durante a pandemia. A moeda estadunidense estava cotada na primeira semana de março em R\$ 4,49, chegou a R\$5,93 em meados de maio e fechou dezembro a R\$5,27. Uma saca de 25 Kg, de uma determinada ração para tilápia, concentrada 32% 5 mm, no início de março, custava para o produtor R\$49,90, chegou em dezembro ao valor de R\$88,20. Os dados expressam a dificuldade de produzir, além da relação com o consumidor, como A3 mencionou, do não repasse para o preço do produto. Então, o impacto está no custo da produção. Um maior custo pode ocasionar uma menor produção.

As vozes dos produtores evidenciam uma preocupação primeira com o produto e na sequência com as condições do produzir. O macro contexto incide diretamente no micro contexto, seja nas condições restritivas impostas pela pandemia, ou nos meios de produção. Entretanto, os impactos mencionados pelas vozes, limitam-se às necessidades imediatas do micro contexto. O que é um tanto paradoxal. Há uma abertura, por exemplo, na fala de A5, quando trata da questão ambiental. Ali ele pensa os benefícios daquilo que ali é produzido como pressuposto para uma reflexão mais ampliada. Uma fala que usa o micro para representar o macro contexto. Aponta como saída pensar em questões ambientais numa perspectiva de uma ecologia integral (PAPA FRANCISCO, 2015).

Pensando nos impactos descritos pelos produtores, sistematizou-se as falas em três perspectivas. Ilustrando na primeira coluna há os elementos originados a partir da pandemia, no lado oposto os fatores externos e no centro os impactos internos na produção de tilápia neste tempo.

Figura 2 – Cartografia dos impactos sociais



Fonte: Elaboração dos autores (2021).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo se propôs a cartografar os impactos sociais da COVID-19 em Massaranduba, a partir das vozes dos produtores de tilápia. A partir deste objetivo, nos próximos parágrafos há a intenção de olhar o caminho que os produtores indicaram e apontar outras aberturas, seja como proposição a reflexão ou caminhos para estudos futuros. Em contato com os produtores percebeu-se que os impactos e os efeitos se manifestaram de forma diferente, a depender da categoria e do interesse. As vozes desvelam uma preocupação primeira com a produção, e ocultaram a preocupação com a doença. Talvez esta proposição se sustente, os efeitos da produção foram sentidos de imediato, já os efeitos da pandemia, localmente, tiveram uma escalada diferente daquela ocorrida no estado. Mesmo assim, as entrelinhas dos produtores, permitem supor que há a necessidade de se pensar numa escala macro e micro, ao mesmo tempo, respeitando as necessidades de cada território.

Quanto aos impactos sofridos pelos produtores de tilápia, efetivamente, pode-se classificá-los como externos e internos. Externamente foram quatro os impactos externos, de acordo com as vozes dos produtores: o aumento do dólar; a elevação do preço dos insumos necessários para a produção; a exportação da matéria prima para os insumos,

como a soja, trouxe dificuldades de abastecimento no mercado interno e a manutenção do valor do produto para venda, o que impactou diretamente os produtores. Estes foram efeitos externos, o que levou internamente a um maior custo para produzir e menor margem de lucro; dificuldades para o escoamento da produção e uma problemática figura que é a organização da próxima safra. Embora classificados, os impactos se inter cruzam.

Pesquisar os impactos sociais de uma crise, durante seu curso exige o olhar cuidadoso para outras possibilidades, pois a reversão de quadro é sempre uma possibilidade. Infelizmente o número de contaminados, no mês seguinte do recorte temporal da pesquisa, não sugere outro cenário. O número de contaminados continua a crescer, o dólar segue no mesmo patamar e o recuo do preço dos insumos é insignificante diante da elevação que ocorreu no ano de 2020. Há um cenário de ampliação da crise da saúde e manutenção dos problemas econômicos. O impacto do conjunto destas ações continuará a afetar os produtores a longo prazo. As falas de todos eles deixaram a entender que não haverá reversão do quadro que se instalou. Então, novamente, insistiu-se na perspectiva de se pensar políticas públicas, que de alguma forma, possibilite a continuidade da atividade e que dê condições mínimas à produção local.

Por fim, os impactos sociais sentidos foram na produção. As vozes, em nenhum momento, apresentaram problemas organizacionais, limitação com a mão-de-obra, ou outro tipo de problema em si. Este estudo carece de outras aberturas que permitam pensar os efeitos da produção e o impacto na safra de 2021. Entre os produtores há falas que a produção será menor por conta do custo elevado. Uma posição que justifica a necessidade da tomada de decisões que pense o macro e o micro contexto ao mesmo tempo. A possibilidade de menor produção é resultado de medidas tomadas fora do contexto da produção de tilápia. Porém, o afetar da produção local, afetará todo o mercado envolvido com este tipo de produção, não apenas o produtor, mas o atravessador, o comerciante e o consumidor final. As outras aberturas são a possibilidade de se refletir sobre os critérios que pautam a agenda decisória sobre a agricultura e as transformações sociais envolvidas.

REFERÊNCIAS

ADAMI, Luiz Saulo; ROSA, Tina. **Terra generosa: história de Massaranduba**. Blumenau: S&T, 2004.

ANJOS, Flávio Sacco dos. **A agricultura familiar em transformação: o caso dos colonos-operários de Massaranduba (SC)**. Pelotas: UFPEL/Editora Universitária, 1996.

ANTUNES, Ricardo. **Coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado**. São Paulo: Boitempo, 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia II**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. v. 1

MARTINUCI, Oseias da Silva. Et al. **Dispersão da covid-19 no estado do paraná**. Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde, Edição Especial Covid-19. p. 251–262, 20 jun. 2020.

MATTEDI, Marcos Antônio. **Pensando com o desenvolvimento regional: subsídios para um programa forte em desenvolvimento regional**. Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional, v. 2, n. 2, p. 59–109, Primavera de 2015.

MATTEDI, Marcos Antônio. Et al. **Epidemia e contenção: cenários emergentes do pós-COVID19**. Estudos Avançados, v. 34, n. 99, p. 283–301, 2020.

MATTEI, Lauro. **Cinco meses da Covid-19 em Santa Catarina: panorama e perspectivas**. Boletim Covid-19 em Santa Catarina, n. 15, 17 de agosto de 2020. NECAT/UFSC, Florianópolis, 17 ago. 2020a. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1doY2CiRhWTASjMILvzvfVehShf1EPmNI/view>. Acesso em: 17 ago. 2020.

MATTEI, Lauro. Impactos da Covid-19 sobre a economia catarinense. **Revista NECAT** - Revista do Núcleo de Estudos de Economia Catarinense, v. 9, n. 17, p. 1–9, 27 nov. 2020b.

OLIVEIRA, Didymea Lázaris de. **Por um pedaço de terra “Luís Alves”**: sua colonização a partir de 1877. Itajaí: Editora da UNIVALI, 1997.

PAPA FRANCISCO. **Carta encíclica Laudato Si do Santo Padre Francisco sobre o cuidado da casa comum**. Brasília: Edições da CNBB, 2015.

PEREIRA, Agostinho Oliveira; PEREIRA, Henrique Mioranza Koppe; CALGARO, Cleide. **Covid-19, causada pelo coronavírus: palavras sobre uma pandemia enunciada**. In: Covid-19 e seus paradoxos. SOBRINHO, Liton Lanes Pilau. CALGARO, Cleide. ROCHA, Leonel Severo (orgs.). Itajaí: UNIVALI, 2020. p. 424.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

Recebido em 12 de fevereiro de 2021 e aceito em 27 de abril de 2021.